

O entulho e os fatos

TEM RAZÕES históricas conhecidas a atitude negativa, em alguns setores de opinião, face ao capital estrangeiro no Brasil. Trata-se, em boa parte, de um desdobramento do sentimento antiamericano que aqui refletia os episódios da Guerra Fria, a partir da década de 50.

EM ANOS distantes, a condição de exportador, quase exclusivamente, de matérias-primas e consumidor de produtos industrializados, fornecia munição farta para a propaganda nacionalista — com a colaboração freqüente dos próprios representantes do capital estrangeiro, que aqui repetiam ou tentavam repetir os erros que alimentaram, em todo o Mundo subdesenvolvido, a imagem do "imperialismo americano".

ESSE relacionamento maniqueísta pertence ao passado. Mudou o Brasil, desenvolvendo-se a ponto de criar defesas naturais contra investidas expoliativas; mudou a dinâmica das relações internacionais, sepultando, para todos os efeitos práticos, a dialética da Guerra Fria.

SÓ NÃO se alterou a retórica isolacionista do nacionalismo. Em vez de Wall Street, o alvo se ampliou para as multinacionais, mas permaneceu a tentação de exportar a responsabilidade pelos nossos problemas. Como técnica de propaganda política, explica-se: é sempre mais fácil o proselitismo em torno de teses batidas, capazes de provocar reações automáticas. O comportamento condicionado dispensa o raciocínio.

ENTENDE-SE, portanto, o êxito, parcial mas ponderável, das propostas ditas nacionalistas na Assembléia Constituinte. O horror ao capital estrangeiro é mercadoria de colocação garantida junto a uma parcela da opinião pública ainda hipnotizada por velhos slogans.

SÓ EXISTE uma resposta eficaz para as posições retrógradas: fatos. Por exemplo, o fato incontestável da evolução das relações econômicas internacionais para a interdependência. Não basta, no entanto, lembrar que regimes de todas as faixas do espectro ideológico não apenas aceitam a nova configuração como dela se aproveitam, tanto quanto possível. Há os exemplos do socialismo espanhol e francês, do conservadorismo inglês, do comunismo soviético e chinês. Para cérebros empedernidos, não há contradição alguma em louvar os progressos do Governo socialista de Felipe Gonzalez e repudiar os métodos corajosos e pragmáticos que permitiram esses mesmos avanços.

MAIS FATOS são necessários. Eis alguns números (como se sabe, só insensatos brigam com eles):

1. O CAPITAL estrangeiro de risco representa menos de dez por cento do capital produtivo brasileiro — enquanto produz 26 por cento do Produto Interno Bruto e paga 35 por cento dos impostos do setor.

2. AS REMESSAS de lucros efetuadas por esse capital somam menos de seis por cento do

produto gerado, e menos de sete por cento do capital investido.

3. EM 39 anos, as remessas não chegaram ao total de US\$ 10 bilhões. Isto significa menos do que os juros de um ano da dívida externa.

JÁ BASTA para explicar por que não devemos temer o capital de fora. Mas é preciso lembrar que a questão básica, hoje, não é aceitá-lo — e sim atraí-lo. A nova política industrial, que revela absoluta coerência com os tempos e comportamentos do mercado internacional, busca precisamente esse objetivo. Já foi dito que ela poderá vir a ser o equivalente da abertura dos portos no início do século XIX. É cedo para afirmar se terá tal impacto histórico — mas o potencial existe.

PARA QUE ele se realize, no entanto, impõe-se que a Constituinte, na fase final de votação da nova Carta, promova a retirada do entulho demagógico que lá está. Só assim poderemos dizer ao Mundo algo como isto: "Todos os que desejarem trabalhar conosco, em condições novas e favoráveis, serão beneficiados com a bem-sucedida concretização dos planos de reestruturação de nosso país e de reorganização de nossa economia."

O SECRETÁRIO Geral Mikhail Gorbatchov certamente não cobrará royalties por este plágio de suas palavras — que ele mandou reproduzir, em anúncio no "Wall Street Journal" — ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, em junho do ano passado.